

## FONTES HISTÓRICAS E O OFÍCIO DO HISTORIADOR NA DISCIPLINA DE FUNDAMENTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO

Joilson Silva de Sousa <sup>1</sup>  
Ivo Batista Conde <sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho, busca apresentar os resultados da atividade de ensino, realizada na disciplina de Fundamentos Históricos da Educação, 1º semestre do curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri- URCA, campus Pimenta. Durante a aula “A História, os homens e o tempo”, foi realizada a discussão teórica da Obra “Apologia da História ou o ofício de Historiador” de Marc Bloch (2002). Neste artigo, ampliaremos este debate fazendo uso dos escritos de Barros (2019; 2020). Como fundamento metodológico, utilizaremos a pesquisa bibliográfica a partir de nosso quadro teórico já apresentado, bem como sistematizar as ações coletivas realizadas em sala a partir da seguinte questão norteadora: “O que pode ser uma fonte histórica?”. Nesta atividade de ensino, cada estudante trouxe um objeto pessoal e a partir de cada objeto, oportunizamos conhecer a sua subjetividade, a troca de experiências e os contextos em que foram produzidos considerando as categorias tempo e espaço. Podemos perceber, que o legado deixado pela Escola dos *Annales*, a saber: a interdisciplinaridade e a ampliação das fontes históricas como tudo aquilo que é produzido ou utilizado pelos seres humanos, novos contornos foram oportunizados para produção de conhecimento a partir da relação passado e presente. Por fim, salientamos que a atividade de ensino pode desenvolver nos alunos a capacidade de articulação das ideias numa proposta teórico-prática e a troca de experiências vividas entre eles, o objeto (antigo), ou até mesmo entre membros de sua família.

**Palavras-chave:** História da Educação, Fontes Históricas, Pedagogia.

### INTRODUÇÃO

Compreender o conceito de História a partir da leitura da historiografia francesa foi o desafio posto aos alunos do curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri – URCA, logo no 1º semestre letivo, durante a disciplina de Fundamentos Históricos da Educação. A partir da compreensão que se faz sobre o “tempo histórico” os homens e mulheres como agentes da história e as fontes históricas como ponto de partida e de questionamentos, passamos a delinear as bases da compreensão de como produzir uma narrativa histórica.

Entender a história não apenas como uma ciência do passado, mas como “a Ciência dos homens no tempo”, a partir da obra de Marc Bloch (2002) “Apologia da História ou o ofício de Historiador”, foi o nosso primeiro grande desafio. Posteriormente,

---

<sup>1</sup> Professor da Universidade Regional do Cariri – URCA-CE, [joilsondesousa@hotmail.com](mailto:joilsondesousa@hotmail.com);

<sup>2</sup> Professor da Universidade Estadual do Ceará – UECE, [ivo.conde@uece.br](mailto:ivo.conde@uece.br)

utilizamos leituras já consolidadas no campo da História para que os alunos pudessem compreender a dimensão do que são as fontes históricas. A partir das leituras de Barros (2019; 2020), podemos compreender a existência do local de produção de uma fonte histórica, que a construção da narrativa histórica depende das perguntas que se faz para a fonte e que são múltiplas as possibilidades de fontes históricas que podemos utilizar. Sendo elas o “cerne da operação historiográfica” (BARROS, 2020, p. 7), entendemos que uma fonte histórica “[...] é um pedaço do passado não apenas porque fala sobre o passado a partir de uma determinada perspectiva, mas também porque é um objeto material ou imaterial oriundo do passado e que permaneceu no presente” (BARROS, 2020, p. 7).

Dessa forma, apresentamos nesse texto os resultados de nossa ação didática junto as turmas de 1º semestre na Universidade Regional do Cariri, enquanto atividade junto a disciplina de Fundamentos Históricos da Educação, a partir da compreensão do conceito de História, de tempo e das fontes históricas, esta última, em análise a partir de fontes históricas que foram compartilhadas pelos próprios alunos em uma das aulas ministradas.

Compreendemos a relevância deste trabalho, no sentido social, pois nos faz compartilhar saberes e experiências vividas em diferentes espaços sociais vividos pelos discentes e a compreensão do lugar social em que a fonte foi produzida.

A relevância científica se assenta, no fato de que materializando através de instrumentos (no caso, chamamos de artefatos), podemos fundamentar a aprendizagem histórica enquanto categoria do campo da História, apresentar uma possível atividade que pode ser promovida pelos próprios discentes, desenvolvendo assim o senso crítico e a capacidade argumentativa de cada aluno presente.

Tivemos como objetivo central deste escrito: Apresentar os resultados da atividade de ensino, realizada na disciplina de Fundamentos Históricos da Educação, 1º semestre do curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri- URCA, campus Pimenta. Dessa forma, delineamos o seguinte questionamento: O que pode ser uma fonte histórica?

Esta investigação, contou com a forma como Gil (2002, p. 44), apresenta a pesquisa bibliográfica, ao defini-la que se desenvolve a partir de “[...] material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Dessa forma, nosso quadro teórico contou com os escritos de Marc Bloch (2002) e Barros (2019; 2020).

Finalmente, apresentamos a materialização em quatro etapas da realização da atividade promovida que passar pela escolha do objeto (Artefato), a exposição dos objetos, confecção de etiquetas de cada artefato, apresentação do artefato que trouxe e

sua significação social e a promoção de discussão e possíveis ajustes das informações apresentadas, sempre dialogando com a História da Educação.

Podemos perceber, que o legado deixado pela Escola dos *Annales*, a saber: a interdisciplinaridade e a ampliação das fontes históricas como tudo aquilo que é produzido ou utilizado pelos seres humanos, novos contornos foram oportunizados para produção de conhecimento a partir da relação passado e presente.

Por fim, salientamos que a atividade de ensino pode desenvolver nos alunos a capacidade de articulação das ideias numa proposta teórico-prática e a troca de experiências vividas entre eles, o objeto (antigo), ou até mesmo entre membros de sua família.

## **METODOLOGIA**

Conforme Joaquim Severino, entendemos que o ato de fazer ciência se faz a partir do momento de quando “[...] o pesquisador aborda os fenômenos aplicando recursos técnicos, seguindo um método e apoiando-se em fundamentos epistemológicos” (2016, p. 106). Em nossa análise, percebemos que as vivências realizadas em sala de aula, são elementos que compõem a cientificidade do processo de produção do conhecimento científico. Dessa forma, salientamos a natureza científica do que se faz em sala de aula.

Autores como Antônio Carlos Gil apontam que a pesquisa bibliográfica acontece a partir de materiais que já foram elaborados, “[...] constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44). Em nossos estudos, contamos com livros de leitura corrente através de obras que objetivam a divulgação do conhecimento científico.

Dessa forma, contamos com a contribuição do estudo sistemático que forma o conjunto teórico do estudo do campo da História, que serviu de quadro teórico deste escrito: “Apologia da História ou o ofício de Historiador” de Marc Bloch (2002), em específico, o capítulo intitulado: “A história, os homens e o tempo”.

Na pesquisa bibliográfica, entendemos que a maior contribuição se concentra no fato de que esta pode permitir ao pesquisador, maior ampliação na cobertura dos fenômenos estudados (GIL, 2002).

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Compreendemos em Bloch (2002, p. 52), na seção “A história e os homens” que chamar algumas vezes de “A história é a ciência do passado” é a seu ver errado, pois:

[...] a própria ideia de que o passado, enquanto tal, possa ser objeto de ciência é absurda. Como, sem uma decantação prévia, poderíamos fazer, de fenômenos que não têm outra característica comum a não ser não terem sido contemporâneos, matéria de um conhecimento racional? Será possível imaginar, em contrapartida, uma ciência total do Universo, em seu estado presente? (BLOCH, 2002, p. 52).

Na tentativa de uma nova definição é preciso entender: ciência do homem – dos homens. Para o autor, por tras dos grandes vestígios da paisagem, estão os artefatos ou as máquinas. Dessa forma, consideramos que são os homens que a história quer capturar.

Na seção “O tempo histórico”, Bloch (2002), aponta para o fato de que a expressão Ciência dos homens ainda sim, é um termo vago, ao passo que passa a definir, como a “Ciência dos homens, no tempo” (BLOCH, 2002, p. 55).

Para o autor, o historiador não apenas pensa “humano”, mas é preciso considerar que a atmosfera em que seu pensamento respira naturalmente é a categoria da duração. Dessa forma, outro questionamento passa a ser pautado pelo autor: “O que a história quer como tempo?”, obviamente podemos entender que se trata da realidade concreta e viva, pois o autor define a História como a ciência que pretende compreender os homens e mulheres no tempo, considerando que a temporalidade é vida e constante.

Barros (2020), aponta para algo interessante que corrobora com a historiografia francesa. A partir do conceito de “lugar de produção”, porém pensada para as fontes históricas, como vestígios deixados pelos seres humanos para que possamos ter um contato com o passado, o autor aponta que, o lugar de produção da fonte histórica é:

[...] o primeiro passo de uma metodologia que já está bem consolidada entre os historiadores. De fato, um dos primeiros atributos que exigimos de um bom historiador é a capacidade de olhar para um texto (uma imagem, um objeto) e enxergar nele a sociedade que o produziu, a humanidade que passou e passa por ele de uma maneira muito singular, os processos que o moldaram e constituíram no tempo, as ideias e ações que o atravessam de muitas maneiras deixando suas marcas ou inscrevendo-se como possibilidades de reapropriações futuras (BARROS, 2002, p. 8).

Entendemos com a fala do autor, que as fontes históricas que sobreviveram e ainda estão no presente, a mão do historiador, só pode revelar as verdades do passado a partir de determinados condicionantes, um deles, são as perguntas que fazemos a estas fontes. Entendemos que tais perguntas fazem parte do lugar de onde escreve o historiador.

Segundo Barros, o historiador também parte de um lugar, pois: “Todo historiador produz o seu trabalho a partir de um lugar social, sujeito a determinadas circunstâncias e localizado historicamente. A intenção de Barros é “aplicar o conceito de lugar de produção aos textos que o historiador, constitui como fontes históricas” (2002, p. 19).

Dessa forma, entendemos em outro texto de Barros (2019), que fonte histórica:

[...] é tudo aquilo que, por ter sido produzido pelos seres humanos ou por trazer vestígios de suas ações e interferência pode nos proporcionar um acesso significativo à compreensão do passado humano e de seus desdobramentos no Presente. As fontes históricas são as marcas da história”. (BARROS, 2019, p. 15).

Dessa forma, são inúmeras as possibilidades de fontes históricas que podemos pensar que nós mesmos, enquanto seres humanos, deixamos de legado para a humanidade que representam momentos de nosso convívio social. Como exemplo o autor aponta:

“documentos textuais (crônicas, memórias, registros cartorais, processos criminais, cartas legislativas, jornais, obras de literatura, correspondências públicas e privadas e tantos mais) como também quaisquer outros registros ou materiais que possam nos fornecer um testemunho ou discurso proveniente do passado humano, da realidade que um dia foi vivida e que se apresenta como relevante para o presente do historiador” (BARROS, 2019, p. 16).

Foi nessa intenção que promovemos aos alunos do curso de pedagogia que levassem para a universidade, um artefato, ou melhor um objeto (antigo) que tivesse significado para si e/ou para sua família. O resultado, apresentamos na seção seguinte desse texto.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Com base na seção “Proposta prática: uso de fontes no ensino de História” do livro “Aprender e Ensinar História nos anos iniciais do ensino fundamental” de Ana Claudia Urban e Teresa Jussara Luporini, ressaltamos aos graduandos de Pedagogia que o uso de fontes no ensino de História “são fundamentais para a aprendizagem histórica” (URBAN e LUPORINI, 2015, p. 42).

Assim, propomos uma atividade pedagógica com o uso de objetos que chamamos de artefatos, a fim de proporcionar aos graduandos a perspectiva de construção de uma espécie de “museu” com objetos levados para sala de aula pelos próprios graduandos. Claro que esses artefatos/objetos deveriam ter significado para eles e/ou sua família. Assim, elaboramos os seguintes passos:

1. Cada graduando leva para a sala de aula um objeto (artefato) que considera interessante e importante. Nessa etapa, nenhum colega opina a respeito.
2. O professor com ajuda de alguns alunos expõe todos os artefatos (objetos), como se estivessem expostos em um museu. Cada graduando, escreve uma etiqueta com informações básicas sobre o artefato (idade, forma de utilização, como se tornou importante).
3. Diferenciar as informações sobre o que já se sabe sobre o artefato, o que pode adivinhar sobre ele e o que você ainda não sabe.
4. Por fim, fazemos correções de algumas informações presentes nas etiquetas dos artefatos e fazer indagações acerca das informações prestadas.

Podemos compreender com essa atividade, que o momento prático, dialogado e participativo contribuiu tanto para o aprendizado teórico acerca da importância do uso das fontes históricas, como metodologicamente com a multiplicidade de fontes apresentadas por cada aluno e períodos de tempo e espaços diferentes que por vezes se alinhavam com a constituição da própria cidade onde residiam, sua família, seus afetos, o que proporcionou excelentes reflexões sobre as memórias coletivas dos graduandos.

**Figura 1 - Aula Prática (Fundamentos Históricos da Educação)**



Fonte: Acervo do Professor, autorizado pela turma (semestre, 2024.1).

Os artefatos culturais, trouxeram diversas memórias, de um passado recente, de práticas sociais sobretudo no interior do estado do Ceará, que nos dias atuais são pouco

praticados, ou por vezes, já se vivenciam mais. Sempre presente em atividades como essa, podemos citar como exemplo as fotografias. Alguns alunos já sabiam da prática de que há alguns anos, as famílias tinham o costume de escrever algumas frases de afeto no verso das fotos. Entretanto, os alunos mais jovens já desconhecem essa prática e em muitos casos leem as mensagens com muita surpresa dos registros de seus parentes sobre o seu passado ou de sua família.

**Figura 2 – Catalogação das Fontes históricas**



Fonte: Acervo do Professor, autorizado pela turma (2024.1).

A parte de catalogação das fontes é o momento mais rico da dinâmica, pois os significados que cada um tem de seus objetos, fazem parte de um todo social do passado e quando no diálogo rememoramos tais aspectos, alguns sentem desejo de reescrever a catalogação feita anteriormente. É interessante percebermos esse elemento que só as fontes históricas podem promover: Existe um significado da memória individual que o objeto me traz, porém, existe algo nele que é comum a todos, que podemos fazer referência a memória coletiva dos indivíduos sociais. Como exemplo da figura 2, podemos citar o ferro de passar roupas a carvão, sempre presente nessas atividades.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tomando o passado como ponto de partida de aprendizagem histórica, percebemos que essa imersão foi satisfatória através dos vestígios que encontramos sobre ele no presente. Desse modo, as fontes históricas fornecem a ponte para adentrarmos no próprio passado.

Nas aulas do curso de Pedagogia, percebemos a contribuição social que os objetos apresentados pelos alunos contribuíram na constituição de uma memória social. Outro fator importante é a promoção de uma aula dialogada que os artefatos podem causar.

Neste aspecto, foi perceptível o contato com o passado, onde e como cada artefato em particular foi vivido ou utilizado, o que aponta para o interesse pelo passado e ainda uma aula mais dinâmica e participativa. Ademais, deve-se tudo isso a multiplicidade de fontes que ao serem expostas geram debates enriquecedores: fotografias, objetos de uso doméstico, moedas, vestimentas de uso oficial (fardamento escolar) e de uso comum diário, documentos, diários, cartas dentre outros. Todos, tornaram oportuno um contato direto com o passado.

## **REFERÊNCIAS**

BARROS, J. D'A. **A Fonte Histórica e seu Lugar de Produção**. Petrópolis: Vozes, 2020.

BARROS, J. D'A. **Fontes históricas: introdução aos seus usos**. Petrópolis: Vozes, 2019.

BLOCH, M. L. B. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 24 ed. São Paulo: Cortez, 2016

URBAN, Ana Claudia; LUPORINI, Teresa Jussara. **Aprender e ensinar História nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. São Paulo: Cortez, 2015.